

Dr. Fantástico e os lagos amazônicos

A Eletrobrás desengaveta projetos que devem provocar a ira dos ecologistas



Klaus Kleber

No fim da década de 60, quando era dirigido pelo futurólogo Herman Kahn, o Hudson Institute, de Indianapolis (EUA), fez um estudo sobre a criação de um grande lago no Norte do Brasil, que, com obras complementares, deveria permitir a interligação entre as bacias do Amazonas e do Prata.

Era uma idéia maluca, como as que costumavam ocorrer ao futurólogo Herman Kahn, modelo do Dr. Strangelove ou Dr. Fantástico do clássico filme de Stanley Kubrick. Praticando jogos estratégicos de guerra, Kahn chegou à conclusão de que, em um conflito nuclear com a União Soviética, os Estados Unidos sairiam vencedores, embora com enormes perdas. Ironicamente, tendo falecido em 1983, ele não pôde ver o colapso da URSS, sem a detonação de uma bombinha sequer.

A idéia do lago amazônico causou escândalo no Brasil, onde Kahn, por sinal, tinha uma certa reputação entre os bempensantes da época, mas aquilo era demais. O corpulento futurólogo (pesava uns 130 kg) era físico por formação e, dados os seus pendores, havia desconfianças de que o grande lago amazônico envolveria explosões nucleares para remover obstáculos e possibilitar a formação da imensa cratera cheia d'água.

capacidade para gerar 11 mil megawatts (MW) e ficaria a 330 km de Tucuruí, no rio Tocantins. No embalo de Belo Monte, que entraria em operação em 2009, seriam construídas também no Xingu as hidrelétricas de Altamira (6,6 mil MW), Ipixuna (1,9 mil MW), Kokraimoro (1,5 mil MW) e Jarina (620 MW).

A reportagem de Maurício Corrêa informa que, pelo projeto original, a represa de Belo Monte teria 1,2 mil km quadrados, mas, pela revisão feita pelos técnicos da Eletronorte, o lago acabou ficando só com 400 km quadrados e não levará à transferência de nenhuma aldeia indígena. Ademais, pelo novo projeto, foi salvo o rio Bacajá, afluente do Xingu, que seria engolfado pela represa anteriormente projetada.

Não posso falar pelos ecologistas, mas duvido que eles respirem aliviados com essa notícia. Ao contrário, prevejo uma gritaria planetária. É verdade que a Eletrobrás confessa — o que é raro em órgão oficial — que grandes erros foram cometidos na construção de Tucuruí, cujo reservatório tem nada menos que

Kahn me veio à memória quando li neste jornal que a Eletrobrás desengavetou o projeto de Belo Monte, no rio Xingu, que teria

2,8 mil km quadrados. E a empresa promete não repeti-los em Belo Monte e outras usinas.

Se pedissem a Herman Kahn um projeto, ele seguramente iria propor um canal entre Tucuruí e Belo Monte, ligando o Tocantins ao Xingu e, portanto, ao Amazonas e daí à hidrovia do Madeira. Com um pulinho mais, se poderia chegar ao rio Paraguai e ao estuário do Prata...

Mas Hudson Institute à parte e mesmo sendo as proporções das represas reduzidas e as aldeias indígenas poupadas, o que gostaria de saber é o que vão fazer com as florestas a serem inundadas. O que parece lógico é cortar as árvores antes de encher a represa e há madeireiras brasileiras, ma-

lalias e de todas as nacionalidades ávidas em realizar esse trabalho, completando o estrago que já vêm fazendo.

Mas não é uma tarefa só para motosserras. É um problema de logística para transportar tanta madeira em um tempo relativamente curto.

Como mostrou José Casado, quando Tucuruí estava sendo construída e ele era repórter deste jornal, apesar da pressa em cortar as árvores no leito da represa, centenas de quilômetros quadrados de florestas não poderiam ser cortadas antes da invasão das águas. E as pontas de dezenas dessas árvores ainda podem ser vistas na superfície do lago.

Hoje se sabe que, dos 2,8 mil

km quadrados do lago de Tucuruí, 2,3 mil km quadrados ainda permanecem cobertos de árvores. Uma ínfima quantidade é extraída por mergulhadores, mas o pior é que dessa vegetação submersa emanam gases altamente poluentes. Além disso, calculam os ecologistas que o nível de mercúrio no reservatório de Tucuruí é cinco vezes maior do que o tolerado pela legislação.

E essa gigantesca usina foi construída basicamente, como reconhece a Eletrobrás, para atender a indústrias que usam intensivamente eletricidade. Para atrair essas empresas, a tarifa é subsidiada. Apenas 1% da energia gerada foi destinada para atender ao Estado do Tocantins.

A Eletrobrás diz que esses erros também serão corrigidos em Belo Monte e outras usinas, que seriam destinadas a "interiorizar o desenvolvimento como meio de reduzir os desequilíbrios setoriais e regionais".

É discutível se esta é a melhor alternativa para o povo amazônica. Mas, dando de barato que o desenvolvimento é inevitável e que vastas regiões da Amazônia venham a ser ocupadas, isso ainda levará décadas.

O mais provável é que a energia do Xingu tenha o destino da de Tucuruí. Irá para indústrias que preferem não arcar com altíssimos custos ambientais em seus países de origem e têm interesse em produzir baratinho no Brasil os produtos chamados eletrointensivos. ■

Com uma floresta submersa, o nível de mercúrio em Tucuruí é cinco vezes maior que o permitido pela legislação

Class.	209
Data	21/2/2000 Pg. 1/3
Fonte	SPT
SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	